I Workshop dos Programas de Pós-graduação em Enfermagem
**PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO E CLÍNICO DE PESSOAS COM DOR
CRÔNICA NA COLUNA VERTEBRAL**

Linha de pesquisa: O processo de cuidar em Enfermagem

AGOSTINHO, A. A. M.

Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Alfenas, UNIFAL-MG

AGOSTINHO, A.A.M.;MOURA, C.C.;SANTOS, N.;IUNES, D.H.;CHAVES, E.C.L.

RESUMO: Introdução: A dor afeta várias pessoas pelo mundo, e causa impactos nos sistemas público de saúde e político. **Objetivo:** Traçar o perfil sociodemográfico e clínico de pessoas com dor crônica na coluna vertebral. **Método:** Estudo descritivo de corte transversal, realizado no Laboratório de Saúde Coletiva da Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Alfenas, com 99 pessoas, que responderam a um questionário sócio-demográfico. **Resultados:** A dor crônica na coluna vertebral predominou de um a cinco anos. A prática de atividade físicas foi o quesito que mais sofreu interferência pela intensidade de dor crônica. Mais da metade da população investigada fazia uso esporádico de medicações para o alívio da dor. **Discussão e conclusões:** É evidente a importância de uma investigação adequada da dor crônica na coluna vertebral, a fim de estabelecer intervenções eficazes e, conseqüentemente, proporcionar melhora na qualidade de vida da população que sofre com esta condição. **Palavras chave:** Dor crônica. Coluna vertebral. Medição da dor. Enfermagem.

INTRODUÇÃO

A dor afeta várias pessoas pelo mundo, e desencadeia preocupações tanto no sistema político quanto no público (BALLANTYNE; SULLIVAN, 2015).

A dor crônica é mais comum na coluna vertebral, principalmente na região lombar (163%). É frequente no joelho (11,2%) e na região torácica (9,8%) (SÁ et al., 2008).

A Enfermagem possui um papel importante no reconhecimento adequado dos sinais e dos sintomas da dor (BERNARDI et al., 2007). De acordo com estudiosos, é necessário o conhecimento das características dos pacientes com dor para que haja uma melhora no atendimento a essa população (NORTH et al., 2012).

Diante dessa perspectiva, com o intuito de trazer contribuições para a área, apresentamos este estudo que teve como objetivo, portanto, investigar o perfil sociodemográfico e clínico de pessoas com dor crônica na coluna vertebral.

MÉTODO

Estudo descritivo transversal, realizado no Laboratório de Saúde Coletiva da Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Alfenas, entre setembro e outubro de 2015 com 99 pessoas. Critérios de elegibilidade: idade (≥ 18 anos); dor crônica; distúrbios musculoesqueléticos na coluna vertebral; e orientação em tempo, espaço e pessoa.

Para a coleta das informações foi utilizado o Formulário de Caracterização do Sujeito, elaborado pelos autores a partir da literatura (YENG; TEIXEIRA, 2004; VLAINICH et al., 2010; GARCIA; VIEIRA; GARCIA, 2013); tal instrumento passou por um processo de refinamento por seis peritos especialistas na temática do estudo.

Os dados coletados foram agrupados e categorizados em um banco de dados, utilizando-se o aplicativo *Microsoft Office Excel* (2010). Foi utilizada a estatística descritiva para descrever e resumir as variáveis estudadas.

Esta investigação faz parte do estudo “Contribuição da acupuntura auricular na redução da dor crônica musculoesquelética”, foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UNIFAL/MG (CAAE nº 43818115.6.0000.5142 / parecer nº 1.041.266), e segue os princípios estabelecidos na Resolução 466/12 do Ministério da Saúde (BRASIL, 2012). Também foi obtida aprovação e consentimento formal da instituição.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Dos 99 participantes, 77 (77,8%) eram do sexo feminino e 22 (22,2%) eram do sexo masculino. A idade apresentou média (μ) de 49,87 e desvio padrão de 14,174. Verificou-se, ainda, que 22 participantes eram solteiros (22,2%); 59 eram casados (59,6%); sete eram viúvos (7,1%); 11 eram divorciados (11,1%). O nível de escolaridade dos participantes do estudo é apresentado na tabela 1.

Tabela 1- Nível de escolaridade dos participantes, Alfenas-MG, 2017 (n = 99)

Escolaridade		f (%)
Analfabeto		3 (3,0)
Fundamental	Completo	14 (14,1)
	Incompleto	24 (24,2)
Médio	Completo	30 (30,3)
	Incompleto	8 (8,1)
Superior	Completo	7 (7,1)
	Incompleto	8 (8,1)
Pós- graduação		5 (5,1)

Fonte: O autor.

A renda familiar dos participantes é apresentada na tabela 2. Considerou-se como base o salário mínimo em vigor no Brasil no ano de 2015, definido por R\$ 788,00.

Tabela 2 – Renda familiar dos participantes, Alfenas-MG, 2017. (n = 99)

Renda	f (%)
1 Salário mínimo	19 (19,2%)
2 – 3 salários	70 (70,7%)
4 – 5 salários	6 (6,1%)
6 – 10 salários	4 (4,0%)

Fonte: O autor.

Informações sobre a origem da renda familiar são apresentadas na tabela 3.

Tabela 3 – Origem da renda dos participantes, Alfenas-MG, 2017. (n = 99)

Origem da renda	f (%)
Próprio trabalho	52 (52,5)
Aposentadoria	20 (20,2)
Dependentes	25 (25,3)
Auxílio-doença	2 (2,0)

Fonte: O autor

A tabela 4 traz informações sobre o tempo em que os participantes possuem dor na coluna vertebral, em intervalos que variam de meses a anos. Em 43 indivíduos (43,4%), essa dor era constante e em 56 (56,6%) indivíduos, a dor era recorrente.

Tabela 4 - Intervalo de tempo em que os participantes apresentam dor na coluna vertebral, Alfenas-MG, 2017. (n = 99)

Tempo de dor	f (%)
3 meses – 1 ano	9 (9,1)
1 ano – 5 anos	33 (33,3)
05-10 anos	29 (29,3)
10 – 20 anos	18 (18,2)
20 – 30 anos	6 (6,1)
30 – 40 anos	3 (3,0)
40 – 50 anos	1 (1,0)

Fonte: O autor.

Atividades difíceis de realizar por causa da dor: atividade física (57,6%); vestir-se (24,2%); tomar banho (16,6%); higiene pessoal (12,1%); e alimentação (5,1%).

Dos participantes, 53 (53,5%) faziam o uso esporádico de medicações: miorelaxantes (17,17%), analgésicos (13,13%), anti-inflamatórios (12,12%).

Observou-se a predominância do sexo feminino, meia idade (49 anos), casados com ensino médio completo. A população feminina pode ser mais acometida pela dor crônica possivelmente por problemas hormonais (MANSON, 2010); e a meia idade nas mulheres coincide a menopausa (CIPRANO; ALMEIDA; VALL, 2011).

Pessoas de meia idade geralmente são casadas; o que corresponde à fase economicamente ativa, então, elas estão mais vulneráveis à exposições ergonômicas. (GARCIA; VIEIRA; GARCIA, 2013; HESTBAEK; LEBOEUF; KYVIK, 2006).

No presente estudo, a dor foi relacionada ao menor nível de escolaridade. Esse fato pode ser justificado pela atividade laboral desenvolvida por essas pessoas, que são, normalmente, trabalhos que exigem menor qualificação profissional, e, maior sobrecarga física (GARCIA; NETO, 2011). A escolaridade também pode ser um determinante ao acesso a informações e serviços de saúde (CELICH; GALON, 2009).

Com relação ao tempo de dor, em um estudo (QUEIROZ et al., 2012), que teve por objetivo investigar a qualidade de vida de portadores de dor, 51,6% dos indivíduos possuíam dor há cinco anos ou menos, o que corrobora os achados do atual estudo. Isso evidencia que a dor crônica se mostra persistente e presente na população.

No que concerne à interferência nas atividades, foram prevalentes aspectos relacionados à atividade física, dificuldade de vestir-se, de tomar banho, de realizar a higiene pessoal e de alimentar-se. Um estudo (SANTOS et al., 2015) realizado com idosos apontou que ser fisicamente ativo foi significativamente associado à menor prevalência de dor crônica. Assim, deve-se estimular a prática de exercícios físicos nas pessoas com dor, adequados às suas possibilidades e sob a supervisão de um profissional.

Na presente investigação, o uso de medicação esporádica para alívio da dor foi evidente, é importante atentar-se para a sua utilização eventual, de forma que não se torne crônica. O uso de medicamentos constantes pode causar efeitos adversos (LABIANCA et al., 2012). Nesse contexto, a utilização de medidas não farmacológicas para o controle da dor têm demonstrado eficácia significativa (SALLES et al., 2007).

CONCLUSÃO

Dos 99 participantes do estudo, a maioria era do sexo feminino, de meia idade, casados e com o ensino médio completo. A renda familiar mais frequente foi de dois a três salários mínimos, decorrente do próprio trabalho. O tipo de dor mais relatado foi a constante, com tempo de duração entre um e cinco anos. A prática de atividades físicas foi o quesito que mais sofreu interferência pela intensidade de dor crônica. Mais da metade da população investigada fazia uso esporádico de medicações para o alívio da dor.

Portanto, investigar o perfil sociodemográfico e clínico das pessoas com dor crônica na coluna vertebral pode fornecer subsídios para o estudo e a implementação de intervenções de Enfermagem eficazes e, conseqüentemente, melhorar a qualidade de vida desses indivíduos.

REFERÊNCIAS

BALLANTYNE, C. J.; SULLIVAN, D. M. Intensity of chronic pain- The wrong metric?. **The New England Journal of Medicine**, Englade, v. 8, n. 4, p.2098-2099. 2015.

BERNARDI, M. et al. Knowledge and attitudes about cancer pain management: A national survey of Italian oncology nurses. **European Journal of Oncology Nursing**, v. 11, n. 3, p. 272-279, july. 2007.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - CONEP**. Resolução nº 466: sobre pesquisa envolvendo seres humanos. Brasília, dez. 2012.

CELICH, K. L. S.; GALON, C. Dor crônica em idosos e sua influência nas atividades da vida diária e convivência social. **Revista Brasileira de Geriatria Gerontologia**, Rio Grande do Sul, v.12, n.3, p. 345-59, 2009.

CIPRIANO, A.; ALMEIDA, D. B.; VALL, J. Perfil do paciente com dor crônica atendido em um ambulatório de dor de uma grande cidade do sul do Brasil. **Revista Dor**, Curitiba, v.12, n.4, p.297-300, 2011.

GARCIA, J. B.S.; NETO, E. T. Labor activity for patients seen in a chronic pain outpatient setting. **Revista Dor**, São Paulo, v. 12, n.3, p.215-220, 2011.

GARCIA, B. T.; VIEIRA, E. B. M.; GARCIA, J. B. S. Relationship between chronic pain and working activities in patients with painful syndromes. **Revista Dor**, São Paulo, v. 14, n. 3, p. 204-209, jul./ set. 2013.

HESTBAEK, L.; LEBOEUF, Y. C.; KYVIK K.O. Are lifestyle- -factors in adolescence predictors for adult low back pain? A crosssectional and prospective study of young twins. **Musculosket Disord**, Chicago, v. 7, p. 27-29, 2006.

LABIANCA, R. et al. Adverse Effects Associated with Non-opioid and Opioid Treatment in Patients with Chronic Pain. **Clinical Drug Investigation**. Italy, v. 32, n. 1, p 53-55, feb. 2012

MANSON, J. E. Pain: sex differences and implications for treatment. **Metabolism**; v.59 (Suppl 1), p.16-20, 2010.

NORTH, F. et al. Should you search the Internet for information about your acute symptom? **Telemed J E Health**, v. 18, n. 3, p. 213-218, 2012.

QUEIROZ, M. F. et. al. Qualidade de vida de portadores de dor crônica atendidos em clínica multiprofissional. **Revista de Enfermagem e Atenção à Saúde**, Triângulo Mineiro, v.1, n.5, p. 30-43, out. 2012.

SÁ, K et al. Prevalência da dor crônica e fatores associados na população de Salvador, Bahia. **Revista de Saúde Pública**, Bahia, v.5, n.1, p. 1 -9.

SALLES, L.F. et al. Complementary therapy in nursing: bibliografic survey. **Nursing**. São Paulo, v. 9, n. 205, p. 94-98, feb. 2007.

SANTOS, F. A. A. et al. Prevalência de dor crônica e sua associação com a situação sociodemográfica e atividade física no lazer em idosos de Florianópolis, Santa Catarina: estudo de base populacional. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, Santa Catarina, v. 18, n. 1, p. 234-47, jan./mar. 2015.

VLAINICH, R. et al. Evaluating the cost of drugs used in the outpatient treatment of chronic pain. **Revista Brasileira de Anestesiologia**, Botafogo, v. 60, n.4, p. 402-405, 2010.

YENG L.T.; TEIXEIRA, M. J. **Tratamento Multidisciplinar dos Doentes com Dor**. 2004.